

"O Esgrimista": A Paixão por Ensinar - por Pablo González Blasco



(Miekkailija). Finlândia, Alemanha, 2015. Diretor: Klaus Härö. Intérpretes: Märt Avandi, Liisa Koppel, Ursula Ratasepp, Lembit Ulfsak, Joonas Koff, Marvel Leesment, Kirill Käro. Duração: 93 min.

É um pequeno grande filme nórdico. Dirigido por um Finlandês, e situado na Estônia, o país que fica bem em frente no mar báltico. Existe uma cultura comum entre ambos povos e algo que também lhes une: a repulsa pelo colonialismo russo-soviético. Estive este ano em Helsinque por conta de umas conferências que me solicitaram. Encontrei-me lá com uma velha amiga, uma professora da faculdade de medicina da Universidade de Helsinque, que também dirige um grupo de humanidades médicas: *Lux Humana*, lhe chamam, em latim, o que se agradece porque o finlandês é absolutamente incompreensível para os mortais comuns. Mostrou-me a Igreja Russa, símbolo do colonialismo imposto ao povo finlandês. E também muitas outras coisas. Agradou-me a hospitalidade da Finlândia, e pude palpar a cordialidade deste povo. E, quando de regresso ao Brasil, tropecei com este filme, mergulhei de cabeça, e desfrutei. Escrevi para Martina (assim se chama a médica finlandesa) recomendando-o: “Lembrei de você, pela linguagem que falamos, pelos russos...e pela paixão por ensinar”. Mas ela já estava de sobre aviso....

Um filme, dizia uma crítica do informativo que assisto, feito com gelo, madeira, aço e alma. Os ingredientes pareceram-me perfeitos, pois são de fato a guarnição que rodeia o fator humano, que é o ponto alto do filme, o que te conquista. O argumento nos situa na Estônia em 1945, recém acabada a segunda guerra mundial, quando o terror de Stalin propõe-se purificar todos os países que caíram sob a bota soviética. A Estônia, um dos países bálticos é alvo de estreito controle. Lá chega nosso protagonista, até uma pequena aldeia, vindo de Leningrado (hoje e antes, S. Petersburgo) com um

passado às costas. A escola local admite-o, com receio, como professor de educação física. Mas não existe material para treinar, a aldeia é paupérrima, e o nosso professor tem como único capital um florete de esgrima. Aí decola este filme atraente.



Um clube de esgrima, com espadas de madeira, para crianças interioranas, algumas muito pequenas. Rapazes de calça curta, meninas de saia xadrez e trancinhas, um professor esgrimista, e um sonho. Está servido o filme. É que na verdade, como muito bem sabem o que se dedicam a educar, o conteúdo do que tem de ser ensinado é mero detalhe: o que realmente conta e faz toda a diferença, é a paixão por ensinar, a vontade de saber tirar dos alunos o seu melhor.



A Finlândia como país moderno não é alheio a isto. Contou-me um amigo há algum tempo, que foi até lá para comprovar o que na Europa se denomina o milagre da Finlândia. “Em que consiste isso -lhe perguntei”. Ele disse-me que há uns 30 anos o índice de suicídios juvenis era muito alto nesse país. Decidiram então fazer um pacto de estado priorizando a educação. P que aspira ao prêmio Nobel. E, quando os professores se aposentam, as empresas privadas lutam encarniçadamente por eles, porque ter um professor como diretor é um verdadeiro privilégio. Esse é o milagre da Finlândia. Embora o nosso filme se situe algumas décadas antes de este cenário, já pode apalpar-se o gosto que desperta ser professor.



Não apenas gosto e privilégio, mas responsabilidade, porque educar é de fato embarcar num projeto -no mesmo barco, afinal estamos à beira do Báltico-junto com o aluno. Remamos todos juntos, conseguem-se as conquistas em grupo, o trabalho em equipe é fundamental, e ninguém pode abandonar o barco antes da hora. Marta, a jovem

protagonista encara o professor que desapareceu por alguns momentos durante o concurso de esgrima: “Nunca mais nos abandone. Não podemos lutar sozinhos”. A presença do professor, silenciosa e serena, é condição para que o aluno possa dar o seu melhor.



Educar te complica a vida, não é atividade isenta de riscos, asséptica, onde o professor toma suas precauções para que aquilo não ultrapasse os limites razoáveis de um emprego. Em teoria, é assim, mas todos os filmes de professores mostram o encanto de arriscar, de ser criativo, de ir além - muito além - do razoável, do cumprir tabela. O esgrimista é mais um exemplo daquilo consegue se livrar nunca desta atividade. Não é um emprego, mas uma atitude.



Andava eu na rua, pensando com os meus botões nestas ideias, quando me deparei com uma patrulha da prefeitura cortando árvores que se inclinavam perigosamente. Aproximei-me deles e sugeri que podassem também uma árvore torta que ameaçava cair em cima da nossa casa: “Tem que fazer um ofício e esperar a vez”. Logo entendi que aquele grupo não tinha nada da criatividade docente que ocupava a minha cabeça. Desisti, e o comentei com o guarda do modestíssimo hotel que está do lado da casa. Ele me disse: “Isso é porque plantam as árvores muito grandes”. “Como assim?” -perguntei-lhe. “Sim, quando a árvore é plantada pequena, tem tempo de que a copa cresça ao mesmo ritmo que as raízes. Mas se ela é já alta, as raízes não têm tempo de se desenvolver, e por isso entorta fácil.”. Sorri, e voltei satisfeito: a passividade que tomava conta dos funcionários públicos e que me deprimiu, foi desarticulada rapidamente pelo comentário sábio, de um homem de limitada cultura, mas observador.



A educação, pensei, tem de ser fisiológica, desde pequenos, como as crianças do filme. Dar tempo a que cresçam e de que as raízes mergulhem, para garantir solidez. Querer ultrapassar etapas -uma educação *fast-food*, ou suplementar com toneladas de informação, até em formato de aplicativos- não renderá árvores solidas. Com o passar do tempo, e as inclemências, acabarão entortando, ou mesmo serão arrancadas, e causarão desastres. Precisamos de tempo fisiológico para desenvolver raízes. O que significa paciência, serenidade, criatividade e acompanhar: estar sempre por perto, não os deixar lutar sozinhos.

De tudo isto, e de muitas coisas mais nos fala esta produção encantadora. Um filme redondo, agradável, bonito, que destila valores e virtudes. E deixa um ótimo sabor de boca que pede um bis. Eu mesmo, o revi três vezes, para apreciar melhor esta experiência estética, deliciar-me com ela, ao tempo que revisava minha própria paixão por ensinar..

Pablo González Blasco é médico (FMUSP, 1981) e Doutor em Medicina (FMUSP, 2002). Membro Fundador (São Paulo, 1992) e Diretor Científico da SOBRAMFA - Sociedade Brasileira de Medicina de Família, e Membro Internacional da Society of Teachers of Family Medicine (STFM). É autor dos livros "O Médico de Família, hoje" (SOBRAMFA, 1997), "Medicina de Família & Cinema" (Casa do Psicólogo, 2002) "Educação da Afetividade através do Cinema" (IEF-Instituto de Ensino e Fomento/SOBRAMFA, São Paulo, 2006) , "Humanizando a Medicina: Uma Metodologia com o Cinema" (São Camilo, 2011) e "Lições de Liderança no Cinema" (SOBRAMFA, 2013). Co-autor dos livros "Princípios de Medicina de Família" (SOBRAMFA, São Paulo, 2003) e *Cinemeducation: a Comprehensive Guide to using film in medical education*. (Radcliffe Publishing, Oxford, UK. 2005).

Publicado originalmente em 18/12/2016 em
<<http://www.pablogonzalezblasco.com.br/2016/12/18/o-esgrimista-a-paixao-por-ensinar/>>

Tags: Cinema, Educar, Pessoas,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em:
<http://ife.org.br/o-esgrimista-a-paixao-por-ensinar-por-pablo-gonzalez-blasco/>